

Lesbianidades e monstrosidades em pesquisa – apontamentos sobre as errâncias da escrita

DANIELLY CHRISTINA DE SOUZA MEZZARI* *

Resumo

O presente artigo é parte do desenvolvimento de uma tese de doutorado e é também fruto de discussões produzidas ao longo de uma disciplina de pós-graduação sobre psicologia decolonial. Tem como objetivo problematizar políticas de escrita para indagar sobre movimentos possíveis na produção de uma pesquisa. Entendendo que a produção de saberes é sempre situada e coletiva, faço um movimento nestas páginas de problematizar o campo do fazer científico tomando o conceito de “Monstro”, de Cohen, e também o corpo lésbico como possibilidades de ruptura dos modelos científicos hegemônicos. Finalizo fazendo uma reflexão acerca dos conceitos de “sucesso” e de “fracasso” e dos seus usos nos domínios da academia.

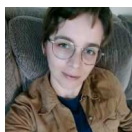
Palavras-chave: Escrita; Lesbianidade; Psicologia.

Lesbianities and monstrosities in research – notes on the wanderings of writing

Abstract

The present article is part of the development of a doctoral thesis and is also the result of discussions produced during a postgraduate course on decolonial psychology, aiming to problematize writing policies to inquire about possible movements in the production of a research. Understanding that the production of knowledge is always situated and collective, I make a movement in these pages to problematize the field of scientific making taking the concept of "Monster" and also the lesbian body as possibilities of rupture of hegemonic scientific models. I conclude by reflecting on the concepts of "success" and "failure" and their uses in academia.

Key words: Writing; Lesbianity; Psychology.



* **DANIELLY CHRISTINA DE SOUZA MEZZARI** é doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, e integrante do “Psicuqueer: Coletivo Psicologias e Culturas Queer”.

Introdução

Começo de tarde, uma sala apertada¹. Cadeiras em roda. Uma disciplina de pós-graduação. O professor chegou na sala e a lição do dia era: fazer uma moqueca de banana-da-terra. Tomates, bananas, dendê, pimentão, temperos... A moqueca foi sendo preparada enquanto o professor recriava cenas de sua infância, de sua família, da interdição do seu corpo marcado como masculino dos espaços da cozinha, do preparo de alimentos². Alunas e alunos ouvindo um pouco sobre a história daquele professor que talvez passasse despercebida, desconhecida, se não fosse a tal da moqueca de banana-da-terra. Contar histórias em uma aula para um curso de pós-graduação...

Participamos, então, de uma aula sobre como preparar uma moqueca? Seria uma aula sobre o que uma moqueca de banana-da-terra pode dizer da vida de alguém? Uma moqueca para descolonizar práticas... O que seria isso? Talvez mais inquietante do que esta interrogação é a pergunta acerca do que uma moqueca de banana pode ter a ver com a psicologia. A serviço de quê estava aquela moqueca de banana-da-terra naquela tarde, naquela sala apertada? Seria o preparo de uma moqueca uma prática científica? Seria produção de conhecimento? Um conhecimento, talvez, monstruoso visto que não se enquadra nos modelos estipulados para aquilo que chamamos “científico”. Silva (2000) já nos disse que enquanto a existência dos ciborgues funciona como uma forma de expor a artificialidade do que entendemos por subjetividade humana a existência dos monstros deixa ver a ansiedade que nos gera esta artificialidade. As pegadas

deixadas pelo monstro são provas não de sua existência, mas sim de que o “sujeito” não existe. Que tipo de conhecimento é possível se criar quando nos propomos a preparar uma moqueca de banana-da-terra?

Estas interrogações me levam a questionar também o próprio processo de composição de um texto científico. O que conta como produção acadêmica? Há algum tempo me pergunto: o que pode uma escrita? Que tipo de escrita é possível fruir dos meus dedos, do meu corpo? O que a minha escrita diz desse corpo? Eu sou uma pessoa que escreve. Escrevo diários, lembretes, rabisco poemas, artigos, capítulos de livros. Tento agora escrever uma tese e me vejo tomada por estas perguntas. Que tipo de escrita eu desejo inventar? Que “eu” é esse que invento na escrita?

Raíssa Éris Grimm (2015) nos explica que o ato de pesquisar quase sempre nos é ensinado por meio do pressuposto de que é preciso saber que uma coisa é o pesquisador (assim mesmo, no masculino) e outra coisa é o seu objeto. Qualquer apaixonamento, envolvimento, apreciação por parte desse sujeito que pesquisa pelo seu campo é considerado um problema que acarretará em um olhar corrompido e, por sua vez, em uma escrita desvairada. O que se apregoa é que “uma corpa encantada não sabe o que vê” (GRIM, 2015, p. 22). O que se produz nessa escrita do encantamento da qual nos fala a autora é uma zona monstruosa, delirante, que rompe as fronteiras tão preciosas às pretensões do saber.

Cohen (2000) afirma que os monstros sempre escapam a qualquer categorização fácil. Eles são híbridos que resistem às

1 Este trabalho foi desenvolvido por meio do financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Número do processo: 2017/26305-3.

2 Agradeço a leitura atenta e afetuosa realizada generosamente por Marli Machado dos primeiros esboços deste texto.

tentativas de fazer parte de uma estruturação sistemática. São, portanto, perigosos visto que trazem consigo a possibilidade de destruir os limites de inteligibilidade postos. O monstro tem algo a ver com a diferença. Ele aponta para a inconstância, a mutabilidade da produção de uma diferença e questiona sua pretensa essência natural. Ele ameaça destruir não somente os membros de uma dada sociedade mas, principalmente, “o próprio aparato cultural por meio do qual a individualidade é constituída e permitida” (COHEN, 2000, p. 40). É o monstro também que patrulha a mobilidade nos dizendo que caso pisemos fora daquilo que nos é permitido correremos o risco não apenas de sermos atacadas mas, principalmente, de nos tornarmos também monstruosas. E a monstruosidade é aquela fronteira que marca a passagem da manutenção para a desintegração do corpo humano (DONINI, 2017). A ambivalência dos monstros reside, então, como nos explica Angela Donini (2017), por um lado nos movimentos de devir que se manifestam irrefreáveis por toda parte e, por outro, no pavor do caos que esses movimentos podem provocar.

Seriam os monstros condição necessária para a existência daquilo que só pode ser o seu contrário? Os não monstros? Como falamos dos monstros que nos produzem? Quais discursos se criam e se proliferam sobre eles? Como estes discursos atravessam e produzem nossas práticas, nossos corpos? É importante demarcar que, como alega Butler (2002), dizer que o discurso é formativo não significa afirmar que ele origina aquilo de que fala, antes disso significa que não é possível fazer referência a um corpo que não seja, ao mesmo tempo, uma formação adicional a este corpo. Butler ainda afirma que, contra a assertiva de que o pós-estruturalismo reduz toda a materialidade a matéria linguística, é preciso argumentar

que desconstruir a ideia de matéria não implica na negação desta ou mesmo do próprio termo.

É preciso sugerir, conforme Butler, que a alegação de que a materialidade do corpo é uma condição necessária para uma prática feminista se esquece que essa mesma materialidade pode estar constituída por meio de exclusões e de uma degradação do feminino. A autora nos propõe pensar a noção de matéria não enquanto um lugar, mas sim como um processo de materialização que se estabiliza através do tempo para produzir um efeito de fronteira, de permanência e de superfície.

Interessa-me, nesse sentido, apostar nos feminismos não enquanto prescrições de modos de comportamento mais ou menos subversivos, de práticas sexuais e de fantasias mais ou menos legítimas, mas sim na própria pluralidade que lhes caracterizam, naquilo em que os constituem enquanto abertura para transformar a própria vida (flores, 2010). Desta perspectiva, como nos explica flores, o corpo não se encontra sob uma exaltação do dever ser, mas ao invés disso, é situado como ponto de inauguração da paixão pela invenção. Feminismos como ato político de inventar a própria existência (flores, 2018), como formas de fazer micropolítica com os restos, com resíduos.

Como pensar as implicações disso nos processos que envolvem a produção de uma pesquisa, de uma escrita? Como não varrer a sujeira para debaixo do tapete? Como pensar na materialidade dos corpos sem cair em essencialismos, sem produzir margens? Lucía Egaña Rojas (2008) afirma que uma metodologia é sempre uma ficção, assim como também o é um corpo, uma identidade. Jota Mombaça (2014), por meio da Teoria Monstro de Jeffrey Cohen, propõe a produção de uma metodologia monstruosa que diz respeito

a colocar em curso uma multiplicidade de fragmentos e fazer pesquisa a partir de “uma estratégia metodológica gerativa, processual, com o maior número possível de variáveis abertas” (MOMBAÇA, 2014, p. 342). Halberstam (2008), quando escreve sobre o que entende por “metodologia queer”, alega que sua potência está justamente no seu rechaço à lealdade aos métodos acadêmicos já consagrados. A metodologia queer almejada por Halberstam é aquela que mescla métodos que podem, inclusive, parecer contraditórios e que rechaça a pressão acadêmica por coerência e disciplina.

Mais do que indagar acerca do que seria “queer”, pergunto-me, seguindo as reflexões feitas por Valeria Flores³: “cómo operar cuir? ¿Cómo hacer funcionar lo cuir en un régimen de escritura?” (2013, p. 54). Seria o “cui” uma simples tradução, contextualização latino-americana de “queer”? Que tipo de movimentos, de intensidades, são ativados quando nos propomos a cuierizar uma escrita? Questão de estilo... Mas o estilo, aqui, não pode ser confundido meramente com uma “forma”. Ou melhor, um estilo de escrita produz efeitos tanto na forma quanto naquilo que se diz (Flores, 2014). O estilo produz fissuras na linguagem, a qual se organiza enquanto um “campo político por excelencia donde se arma el pacto patriarcal heteronormativo racial y colonial, y [es también] territorio de las imprevistas y febriles alquimias de la subversión.” (Flores, 2014, p. 13).

Um corpo lésbico. Sou sapatão. Digo isso, assim, no meio do texto, fora de ordem, porque é preciso dizer. É preciso dizer porque a minha lesbianidade é sempre

evocada para (des)legitimar a minha escrita. “Escreve assim por que é sapatão”, é o que me dizem. “Escrevo assim porque sou sapatão” é o que eu também me digo. Interessante notar que meu corpo branco, por exemplo, quase nunca é reivindicado como relevante para explicar minha escrita. Gloria Anzaldúa (2009) já nos disse que uma pessoa sempre lê e escreve a partir de onde seus pés estão fincados. Sabemos onde nossos pés estão fincados?

Há alguns anos ocupo os espaços da academia enquanto estudante, enquanto pós-graduanda. E me pergunto cada vez com mais insistência e urgência como seria possível estar neste espaço sem reivindicar o meu próprio corpo, sem apontar para a minha existência marcada por tantos lados. Pergunto-me, seguindo as inquietações de Virginia Cano (2015): como é possível ser uma lésbica-mulher-feminista nos espaços da academia e deixar de dizê-lo? Deixar de dizer-me? Como não fazer frente à pretensa objetividade teórica a partir do ponto de vista do meu corpo sapatão? É com prazer que escrevo e vejo, no processo mesmo de minha escrita, mesclar-se o desejo dos corpos com o desejo da escrita, com o desejo da teoria (CANO, 2015).

E se me perguntam: “quem são as lésbicas?”, “O que é ser lésbica?” respondo, não sem certa ansiedade, que não sei. E estou cada vez menos preocupada em saber. Recuso-me a saber de mim, de nós, antes dos encontros (im)possíveis. Fazemo-nos lésbicas, tortilleras, por meio do pertencimento, ainda que talvez mancando, aos coletivos que permitem a proliferação de sentidos para aquilo que antes era deserto (CANO, 2015). La tortilengua de Virginia Cano:

3 Valeria Flores prefere ter seu nome citado em minúsculo pois, de acordo com entrevista concedida à Rádio WEB MACBA “vive con la

obsesión paralingüística de escribir su nombre con minúsculas”.

lengua (im)propria por meio da qual nos pensamos, narramo-nos e nos amamos, reinventamo-nos. La lengua bífida (2004) de valeria flores: lengua capaz de produzir uma ficção teórica, uma prática de escrita em feminino experimental que não se deixa cooptar por nenhum discurso que se pretenda unívoco, universal.

Importante não perder de vista que as categorias que nós mesmas criamos para nos nomear também podem operar por meio de critérios violentos. Aos nossos próprios olhos nos transformamos em “mais lésbica” ou “menos lésbica”; “mais ou menos sapatão” etc. A partir do momento em que estas categorias operam como parâmetros normalizadores entre nossas próprias comunidades elas se tornam também disciplinantes e coercitivas (CANO, 2015). Travamos, entre nós e cada uma consigo mesma, batalhas diárias para responder assertivamente às tentativas de normalização das nossas existências.

Se algo em mim pede ainda uma definição que circunscreva uma lesbiana aceito a que se segue: “lesbiana es la poética corporal que cada una tiene que reinventarse para sí como un modo de sobrevivir en este capitalismo heterorracializado patriarcal neoliberal globalizado. (flores, 2017, p. 13). La lengua lesbiana, como afirma a autora, nos ensina a dizer nosotras sem perder de vista um entre sempre movediço e instável. Ficcionalizar as lesbianidades (ARNÉS, 2016) entendendo-as menos como vinculadas a um mito fundador, a uma característica fundante, e mais enquanto propulsoras da criação de deslocamentos, de fissuras.

A língua sapatão como potência de produzir rachaduras nas palavras. “¿Escribir lesbiana?. ¿Escritura como lesbiana?. ¿escritura desde lesbiana?. ¿contra-escritura lesbiana?. ¿escritura en lesbiana?” (flores, 2017, pág. 09). Se a destruição efetiva daquilo que desejamos

ver ruir só é possível por meio de uma destruição completa, e se sabemos que tal desmantelamento não se dá de uma vez por todas aposto aqui na escrita lesbiana, tortillera, sapatona, como uma “pequeña revolución de papel” (TORRES, 2011, pág. 15), como uma possibilidade de inscrever uma linha torta, ininteligível, fora de ordem nos regimes de escrituras vigentes. Não sabemos o que pode uma escrita. O que pode uma escrita desde o Sul, desde um corpo lésbico. Uma proliferação de não saberes como um ritual de desapego da legitimidade acadêmica, dos modos dominantes de pensamento, não com a pretensão de produzir uma verdade outra, mas sim com o desejo de explorar uma possibilidade incerta (flores, 2017).

Concluindo

Regularidade, protocolos acadêmicos, rigor na aplicação de métodos estabelecidos, controle dos afetos. Que tipo de escrita nos é compreensível e quais modos de escrever são considerados ininteligíveis ou pouco acadêmicos? Seria possível romper com modos de inteligibilidade já postos sem violentar a própria compreensão, sem atentar contra os modos estabelecidos que marcam o que é a normalidade? (flores, 2014). A autora nos leva a considerar a possibilidade de que esse imperativo quase tirânico de produzir um entendimento (um tipo específico de entendimento) acaba por pressupor a extinção de todo e qualquer deslocamento, de toda curiosidade. Nessa pretensão de nos fazer compreender a partir de nossas produções quantas vezes acabamos por falar uma língua “que castiga cualquier excepción o desvío que no consienta el estándar de lo mayoritario, llámese clase, racismo, heteronormatividad, binarismo de género, estándar corporal?” (flores, 2014, p. 15). Para a autora, a dificuldade de compreensão tantas vezes reclamada pode

não estar no objeto em si, mas sim nos regimes de leitura vigentes que demandam a produção de sentidos aptos para um consumo imediato e sem contrariedades.

Descolonizar o corpo... Descolonizar o pensamento... Angela Donini (2017) já nos apontou para a necessidade de pensar a descolonização do corpo e do pensamento como processos que devem caminhar juntos. Ainda assim, é a própria autora também quem nos adverte do desafio que implica essa caminhada. Talvez ali, no exato momento em que me sinto mais tomada por práticas e discursos comprometidos com a invenção de outros mundos, é onde também percebo que “não é tão evidente, assim, abrir mão de ser branca – de onde isso vem e para onde isso vai?” (DONINI, 2017, p. 208).

Partindo daí, interessa-me pensar em um modo de fazer pesquisa, em um modo de escrita, que dê conta de lidar com o fracasso. Não enquanto um afeto triste, um impedimento, mas do fracasso enquanto via de criação (MOMBAÇA, 2017), enquanto uma possibilidade de ruptura com a narrativa do sucesso. Interessa-me uma metodologia que nos permita experimentar e correr riscos, assumir nossas contradições e refazer caminhos sem que isso seja entendido como um erro, mas antes como parte do processo do pesquisar.

Talvez possamos, inclusive, apostar no erro enquanto uma possibilidade de produzir outras práticas em pesquisa, em escrita. Halberstam (2014) alega que o fracasso pode ser caracterizado enquanto um discurso antinacionalista. Para o autor, os modos pelos quais pessoas queer intencional e frequentemente quase escolhem fracassar ao invés de serem bem sucedidas nos termos colocados pela sociedade – futuro reprodutivo, ser uma pessoa produtiva, fazer dinheiro – pode ser compreendido enquanto uma escolha

política, uma performance de dissidência e recusa. A questão não é criar uma idealização do fracasso, mas sim reconhecer que os termos “sucesso” e “fracasso” estão impregnados de propósitos políticos. Bensusan (2012) e a erótica do terror... “A porno-errorista também é terrorista, toca o terror do erro: e se eu não for hetero, cotidiano, fútil e tributável? E se eu não for o contrário de tudo isso, o contrário de qualquer coisa?” (p. 01).

Escrever como quem se recusa, como quem abdica. Escrever contra si mesma (flores, 2010) como um movimento de contra-escrita. “Armar/desarmar/montar/desmontar palavras no es un juego del que se salga indemne o sin cicatrices, es una apuesta arriesgada por hacer correr la sangre sin el adiestramiento del latido afín a la utilidad y la plusvalía del ejercicio literario.” (flores, 2010, p. 213). As nossas estratégias de escrita, de palavra, estão impregnadas das nossas experiências, perspectivas, proposições políticas, teóricas, afetivas. Escrever como quem aposta na instabilidade, na abertura.

Sustento neste texto a necessidade de assumir nossos trajetos e também nossos desvios. A necessidade de intensificar nossos desejos, nossos receios, pelas vias da escrita. “[...] se intensificar o desgoverno, como aposta numa metodologia errante porque desgovernada.” (MOMBAÇA, 2016, p. 343). O desejo, como nos diz Hilan Bensusan (2012) tem algo a ver com a errância, com o errôneo. O autor conclama o que chama de errorismo como a arte daquilo que está fora da casinha, fora do programa. “O desejo persegue o erro. O movimento errorista internacional abençoa os que preferem errar a se afeiçoar ao seu quadrado. O movimento errorista internacional conclama a que se persiga o erro” (BENSUSAN, 2012, p. 01). Parece-me imprescindível que

começamos a nos perguntar, e a dar lugar, não apenas às imundícies e monstros produzidos socialmente, mas também àquilo que em nós mesmas não damos conta de fazer passar, que negamos em nossos corpos e que, inevitavelmente, inscreve-se em nossos textos e práticas.

Referências

ARNÉS, L. **Ficciones lesbianas**: literatura y afectos em la literatura argentina. Buenos Aires: Madresilva, 2016.

ANZALDÚA, G. **Queer(izar) a escritora – Loca**, escritora y chicana. Trad.: Tatiana Nascimento. In: KEATING, A. L. (Ed.). **The Gloria Anzaldúa Reader**. Durham: Duke University Press, 2009. p. 163-175.

BENSUSAN, H. **A errância e os incomensuráveis efeminismos: sobre a erogênese esquizotrans**. Disponível em: <http://esquizotrans.wordpress.com/2012/08/27/a-errancia-e-os-incomensuraveis-efeminismos-sobre-a-erogenese-esquizotrans-fala-de-hilan-bensusan-no-tiresias-de-natal-amanha/>. Acesso: 25/08/2018.

BUTLER, J. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo" - P ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CANO, V. **Ética Tortillera**. Ensayos en torno al ethôs y la lengua de las amantes: 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Madresilva, 2015.

COHEN, J.; J. A cultura dos monstros: sete teses. In: Cohen, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros** – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras / Jeffrey Jerome Cohen; tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DONINI, A. Escritos. In: LESSA, P.; GALINDO, D. **Relações multiespécies em rede**: Feminismos, animalismos e veganismos. Maringá: EDUEM, 2017.

flores, v. **“La lengua bífida de la lesbiana”**. Escritos Heréticos, abril de 2004. Consultado em 10/05/2019, disponible en <http://escritoshereticos.blogspot.com.ar/2009/04/la-lengua-bifida-de-la-lesbiana.html?q=lengua+b%C3%ADfida>.

flores, v. **Escribir contra sí misma: una microtecnología de subjetivación política**. In: Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano / coordinado por Yuderlys Espinosa Miñoso. - 1ª ed. Buenos Aires: En la Frontera, 2010.

flores, V. **Escrituras cuir**. El texto bastardo. In: FLORES, V. **Interrucciones**. Ensayos de poética activista. Neuquén: Editora Independiente. 2013.

flores, V. **Desmontar la lengua del mandato, criar la lengua del desacato**. Edición del Colectivo Utópico de Disidencia Sexual (CUDS). Santiago de Chile, 2014.

flores, v, **La intimidad del procedimiento. Escritura, lesbiana, sur como prácticas de sí** (La Plata: Pixel editora, Serie Popova, 2017), 10.

flores, v. **Febriles alquimias del cuerpo**. Una poética excrementicia. **Pléyade** n. 22, 2018.

GRIM, R. E. **Abrindo os códigos do tesão**: encantamentos de resistência entre o transfeminismo pós-pornográfico. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 111f., 2015.

HALBERSTAM, J. **Masculinidad Femenina**. Barcelona: Editorial Egales, 2008.

HALBERSTAM, J. Jack Halberstam on Queer Failure, Silly Archives and the Wild. 2014. Disponível em: <https://youtu.be/iKDEil7m1j8>. Acesso em: 26/08/2018.

MOMBAÇA, J. **Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada**. **Concinnitas**, ano 17, volume 01, número 28, 2016.

ROJAS, L. E. **Metodologias Subnormales**. 2008. Disponível em: http://www.bibliotecafragmentada.org/wpcontent/uploads/2012/12/EGANA_Lucia_Metodologias-subnormales.pdf.

SILVA, T. T. **Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica**. In: Cohen, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros** – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras / Jeffrey Jerome Cohen; tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TORRES, D. J. **Pornoterrorismo**. Tafalla: Editorial Txalaparta sl. 2011.

Recebido em 2019-05-20
Publicado em 2019-07-04